

Significados de aparência e o perfil socioeconômico de idosos aposentados associados ao SINDNAPI

Meanings of appearance and socioeconomic profile of retired elderly people associated with SINDNAPI, Brazil

Apariencia, significados y perfil socioeconómico de mayores jubilados asociados al SINDNAPI, Brasil

Aparecida Costa da Silva
Patrícia Yokomizo
Andrea Lopes

RESUMO: O culto ao corpo associado à aparência juvenil ainda se trata de uma máxima no Brasil. O estudo buscou identificar os significados de aparência e o perfil socioeconômico de idosos aposentados associados ao SINDNAPI, seção São Paulo. Orientações do método etnográfico e aplicação de formulário misto junto a 200 participantes: maioria de homens, baixa renda e escolaridade, sem participação em atividades sociais. Obteve-se a relevância e os significados positivos quanto à própria aparência, independentemente das variáveis analisadas.

Palavras-chave: Aparência; Significados; Idosos aposentados.

ABSTRACT: *The worship of body and youthful appearance still very appreciated in Brazilian culture. This study aimed to identify the meanings of appearance and socioeconomic profile of retired seniors from the SINDNAPI, Brazil, a retirees' association. It was oriented by the ethnographic method and a mixed form was applied to 200 participants. Most were men, with low income and education, without participation in social activities. It was found relevance and positive meanings regarding their appearance, regardless of the variables analyzed.*

Keywords: *Appearance; Meanings; Retirees.*

RESUMEN: *El culto al cuerpo joven sigue siendo una obsesión en Brasil. En este estudio se buscó identificar los significados de la apariencia y el perfil socioeconómico de los mayores jubilados de la asociación SINDNAPI de São Paulo, Brasil. Se orientó por el método etnográfico y hubo la aplicación de un formulario mixto en 200 ancianos. La mayoría eran hombres de bajos ingresos y nivel de escolaridad que no participaban de actividades sociales. Se obtuvo que la apariencia era relevante y detenía de significados positivos independientemente de las variables y distintos perfiles investigados.*

Palabras clave: *Apariencia; Significados; Mayores jubilados.*

Introdução

O culto ao corpo, especialmente ao corpo jovem, considerado belo e perfeito, tem sido exercido e incentivado com frequência em nossa sociedade nas últimas décadas por diferentes grupos etários (Dantas, 2011; Frois, Moreira, & Stengel, 2011; Lopes, & Mendonça, 2016). Ao mesmo tempo, nesse mesmo período, as imagens negativas da velhice passam a ser relativizadas com concepções positivas, alcançando certo *status* de universalidade, podendo dificultar a criação de imagens mais realistas e que contemplem a heterogeneidade da velhice (Lopes, 2000; Silva, *et al.*, 2012; Costa, & Soares, 2016).

De acordo com Goldenberg (2011), no Brasil o corpo é visto como um capital simbólico, econômico e social. Porém, esse corpo não se trata de um corpo qualquer. A autora se refere a um corpo que deve ser jovem, *sexy*, magro e em boa forma.

Complementa dizendo que no Brasil essa crença do corpo como capital produz uma cultura que tem proporcionado grandes investimentos na forma física, levando inúmeras pessoas a sentir insatisfação com a própria aparência.

O culto à beleza jovem é algo muito incentivado especialmente para as mulheres. Como cita Marcelja (2012), a luta pela beleza e a indústria que vem se formando ao redor deste valor colocam a mulher da meia-idade ou a idosa em condições de coexistir e, no limite, competir de igual para igual com as mulheres mais jovens (Fin, Portella, & Scortegagna, 2017). Por conta disso, Audino e Schmitz (2012) apontam que muitas mulheres quando chegam à meia-idade e à velhice têm buscado cada vez mais por cirurgias plásticas, além de inúmeros outros tratamentos estéticos (Fin, Portella, Scortegagna, & Frighetto, 2015). Os autores completam que a insatisfação com o corpo, assim como as imagens da meia-idade e da velhice, podem afetar notavelmente as vidas dessas pessoas, tendo em vista que na cultura ocidental o corpo velho é associado a algo frágil, infértil e feio, ou seja, a algo negativo, sem valor. Nesse contexto, Marcelja (2012) menciona que existe uma relação entre envelhecimento e beleza que acaba despertando admiração ou comoção. Isso tende a acontecer entre mulheres que sempre foram consideradas belas.

O estudo de Plens, *et al.* (2012) chama a atenção, pois as autoras mencionam que a atenção voltada à aparência se mostrou vinculada à promoção de bem-estar entre as idosas entrevistadas. A maneira como se vestiam, se comportavam, arrumavam o cabelo, usavam maquiagem, cuidavam do corpo, ou seja, a aparência que organizavam e apresentavam no núcleo de convivência a que pertenciam estimulava o convívio social e o senso de pertencimento. Para as autoras, a aparência é influenciada por repertórios de imagens criadas pela sociedade em um determinado período histórico, a partir de aspectos sociais e culturais essenciais para sua construção e legitimação. Yokomizo e Lopes (2018), em revisão narrativa, indicam que as mídias têm sido os agentes de educação informal mais estudados, devido especialmente a sua influência nas noções de envelhecimento e velhice.

Assim, pode-se entender que a aparência é fruto de um processo histórico e cultural que sofre mudanças ao longo dos séculos, vindo a se tornar meio, tanto de inclusão e adoração, como de exclusão e distinção.

De acordo com levantamento histórico realizado por Leventon (2009), no Egito entre 3.000 a.C. a 1.550 a.C. as vestimentas egípcias mantiveram-se inalteradas. Peças drapeadas eram comuns e alguns modelos eram utilizados tanto por homens como por mulheres. Durante a Grécia de 500-300 a.C. os gregos usavam lã e linho para produzir suas roupas, baseados em modelos sem corte, relativamente leves e com caimento fluido. A autora também acrescenta que, durante o Império Romano séculos III e IV d.C., soldados romanos usavam túnicas mais compridas que as dos homens civis.

No entanto, os escravos eram identificados pelos calçados que usavam, ou pela ausência deles, pois eram proibidos de vestir calcei (sapatos romanos de cano alto). Ainda, os povos romanos puderam usufruir dos inúmeros trajes dos seus vizinhos do Mediterrâneo, principalmente dos etruscos e dos gregos.

Durante o período da Idade Média, no século XI, foi possível perceber que os trajes europeus de alguns grupos sociais se tornaram cada vez mais exuberantes, produzidos a partir de uma quantidade variável de materiais e elementos decorativos. Entre os séculos XII e XIV, os modelos passaram a ser mais ajustados à silhueta. Essas mudanças foram possíveis devido às influências trazidas do Oriente Médio pelas Cruzadas e, por outro lado, ao desenvolvimento de uma classe média urbana. No século XV, período da Renascença, as roupas eram baseadas em tapeçarias, com uma mistura de trajes aristotélicos, além da grande influência do modelo gótico, com linhas mais amplas e largas na silhueta. Esse período sofreu uma grande influência da cultura e arte, que cresciam fortemente nesse período na Itália.

Durante o século XVII, o algodão, nativo do sul da Ásia, espalhou-se pelo sudeste do continente, pelo Japão e pela China, substituindo outras fibras na fabricação de roupas para as classes baixas. Os tecidos eram utilizados com ou sem costuras e cortes, porém os retalhos nunca eram desperdiçados. Leventon (2009) também acrescenta que no período do século XVI a XVII, nas regiões como Pérsia, Ásia Central e Anatólia, as vestimentas tanto masculinas como femininas, tinham elementos comuns como: robes curtos ou longos, camisa larga ou camiseta sobre calças largas, entre outros.

Em síntese, Leventon (2009) aponta uma trajetória histórica da construção da aparência, por meio dos vestuários, adornos e comportamentos, que sofreu transformações ao longo dos séculos. Essas mudanças ocorreram pela influência de várias

questões, como condições climáticas, classe social, influências artísticas, condição de gênero, dentre outras.

Assim como a aparência, a compreensão de velhice também vem sofrendo mudanças ao longo do tempo. Tratando dos séculos mais recentes, o final do século XIX e início do XX foi um período muito marcado por estudos darwinianos, como destacam Félix e Santos (2011). De acordo com esses autores, a lógica darwiniana negava a possibilidade do desenvolvimento durante a velhice. Quanto ao século XXI, Guerra e Caldas (2010) apontam que, desde o início desse período, tem se visto com frequência imagens de pessoas na velhice que buscam representar e sensibilizar o imaginário social, apresentando este momento da vida como um período exclusivo de declínios e associado a patologias, além das dependências físicas, emocionais e psicológicas.

Segundo Belchior e Santana (2013), embora a velhice na atualidade possa estar atrelada a um período de perdas, também pode configurar um momento de ganhos e aquisições, os quais muitas vezes passam despercebidos e não são valorizados (Freitas, Queiroz, & Sousa, 2010). Essa lógica dicotômica entre perdas e ganhos pode incluir a forma como a estética da velhice vem sendo construída na atualidade.

Para Plens, *et al.* (2012) assiste-se na sociedade brasileira a um ciclo de sedução e impulsão a seguir um modelo juvenil idealizado, proposto por vários atores e instituições sociais, dentre eles, as mídias, a publicidade e a moda. Essa lógica ancora-se na suposta proposição coletiva de que o rejuvenescimento é essencial e possível, gerando *status* e reconhecimento social, mesmo perante o contraditório desejo do aumento sucessivo da expectativa de vida, ou seja, do avanço da velhice. Aguiar, Camargo e Bousfield (2018, p. 498), ao estudarem as representações sociais do envelhecimento e o rejuvenescimento entre mulheres de meia-idade, perceberam que a noção de “bom envelhecimento não é apenas desejável, mas se estabelece como uma norma a ser seguida”.

Almeida e Lourenço (2009) destacam que o culto à juventude funciona como um promotor e cristizador dessas atitudes contraditórias. Permeia a velhice de estereótipos e preconceitos, sendo negativos ou maximizados, que a reduzem a um período apenas de declínios e perdas ou ganhos exclusivos, como o uso do tempo livre muitas vezes, sem sentido. Os estímulos e ações negativas apresentadas e convencionadas em nosso dia a dia podem contribuir para que idosos tenham receio de afirmar a sua imagem de velho,

em sua complexidade biopsicossocial, optando por procurar, provar, muitas vezes, que vivem a chamada popularmente melhor idade.

Ferreira, *et al.* (2014) indicam que campanhas publicitárias têm estimulado idosos a adquirir novos hábitos de consumo, para manter o corpo saudável. Trata-se de exercitar o chamado espírito jovem, através da participação social e exercício de valores convencionados e ditos como modernos a um determinado segmento etário. A partir de então, inúmeros produtos que promovem a ideia do *anti-aging* ou anti-idade, como cosméticos, centros de lazer, agências específicas de turismo, serviços bancários, eletrodomésticos, dentre outros, são criados e direcionados ao consumo dessa população específica.

De acordo com Goldenberg (2011), doenças como bulimia e anorexia se tornaram praticamente uma epidemia entre grupos mais jovens nos últimos anos, por conta de tratar-se de uma geração que cresceu, buscando imitar o corpo de modelos muito magras, como Linda Evangelista, Cindy Crawford, Gisele Bündchen, entre outras.

Dentre os mais velhos, Guerra e Caldas (2010) destacam que parte dos velhos têm tentado evitar a classificação de velhice, tal como posta nos últimos anos. Coexistem o uso de mecanismos tradicionais, com pintar os cabelos brancos, com novas tecnologias, como procedimentos cirúrgicos invasivos, buscando reproduzir uma aparência jovial, negando a própria velhice e o próprio processo de envelhecimento. Por outro lado, mais recentemente vê-se a constituição da chamada revolução grisalha no Brasil, que procura debater e questionar normas e padrões em torno da apresentação social em idades maduras. Nesse cenário, Araujo (2019) investigou a promoção desse aspecto da aparência realizada por mídias digitais e suas tensões, indicando que ao mesmo tempo que transitar para os cabelos brancos pode oportunizar mudanças, igualmente estas vêm a ser ancoradas em ícones públicos de beleza, a que tudo é permitido e cultuado. Tal contraposição tem ocorrido mesmo que o envelhecimento seja um processo contínuo e inevitável.

Portanto, segundo Marcelja (2012), lutar contra o tempo é lutar contra si próprio, sendo que a derrota é certa. Para Plens, *et al.* (2012), aspectos sociais e culturais são importantes para a construção da aparência, havendo transformações ao longo do envelhecimento, em termos de vaidade, atitudes e comportamentos.

Ao problematizar o culto à aparência juvenil, não se trata aqui de condenar os cuidados com a aparência e as escolhas individuais. A proposta é refletir o quanto esse movimento e dinâmica social vêm, de fato, revelando a diversidade na velhice, suas potências e dificuldades, demandas e contribuições.

No limite, busca-se estimular um campo fértil de debate em torno da construção de uma estética democrática da velhice na atualidade. Nessa direção, o objetivo do presente trabalho foi identificar os significados de aparência e o perfil socioeconômico de idosos aposentados associados ao Sindicato Nacional dos Aposentados, Pensionistas e Idosos (SINDNAPI).

Debater e questionar mitos, estereótipos e uma dinâmica acerca da aparência na velhice pode proporcionar reflexos positivos na vida dos idosos. Trata-se de buscar debater estratégias de promoção da autoestima e engajamento social dos idosos em sua complexidade, sem negar a confluência entre perdas e os ganhos que ocorrem ao longo da vida.

Por fim, almeja-se que estudos dessa natureza possam colaborar para a compreensão da aparência como ferramenta de gestão em espaços voltados para idosos. Observar e entender como estes se apresentam socialmente, que investimentos e concepções têm sobre a própria aparência, pode ajudar gestores a dialogar sobre crenças, atitudes, desejos, limitações, medos, dificuldades e possibilidades.

Método

O referido estudo trata-se de uma pesquisa de natureza exploratória e descritiva. A coleta de dados contou com a realização das técnicas etnográficas de observação livre e participante (Geertz, 2008), em especial, no momento de aplicação do formulário. Conversas informais foram anotadas em caderno de campo. Essas técnicas serviram como aproximação e familiarização com campo e as dinâmicas de atendimento do Sindicato Nacional dos Aposentados, Pensionistas e Idosos da Força Sindical (SINDNAPI).

Além disso, foi aplicado um formulário organizado em dois blocos, contendo nove questões fechadas, uma questão escalar e outra aberta. O primeiro bloco tratou do perfil socioeconômico e envolveu a investigação das variáveis: idade; identidade de gênero; escolaridade; renda familiar; e envolvimento em atividades sociais, esportivas e

familiares regulares. O segundo bloco explorou o âmbito da aparência: importância; percepção de aparência e definição sobre a própria aparência; desejo da realização de plástica; e investimentos financeiros. Realização de teste-piloto, comentado e aprovado pelos dois idosos participantes, gerando pequenos ajustes.

Os participantes tinham 60 anos e mais de idade, eram aposentados(as) da Previdência Social por tempo de contribuição e associados ao SINDNAPI, frequentadores da Seção São Paulo.

Os dados foram coletados na sede do SINDNAPI, São Paulo, em 2015. Na época, o SINDNAPI possuía aproximadamente 200.000 sócios em todo o país, sendo o maior sindicato de aposentados da América Latina. Detinha representações em três esferas: nacional, municipal e estadual, sendo coordenado nacionalmente por um único presidente. A sede prestava atendimento direcionado especialmente a três áreas: jurídica, plano de saúde e colônia de férias¹. A instituição foi escolhida devido a sua abrangência e diversidade de associados, concentrando grande número de aposentados. Obteve-se aprovação e apoio institucional.

O setor de atendimento ao público do SINDNAPI realizava, em média, 100 atendimentos diários, de segunda a sexta-feira, conforme relatado na ocasião pela diretoria. Considerando-se os atendimentos mensais, realizou-se cálculo amostral que indicou a necessidade de 169 entrevistados. Para garantir eventuais perdas, foram obtidos 200 participantes, selecionados por conveniência.

O tratamento e a análise das respostas provenientes das perguntas fechadas e escalas foram ancorados em estatística descritiva. Os resultados das questões abertas, das observações de campo e conversas informais foram tratados e analisados conforme as orientações de Geertz (2008). Buscou-se organizar categorias em torno das principais menções dos participantes, com avaliação de dois juízes. Contou-se posteriormente a frequência.

Todos os participantes da pesquisa concordaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi apresentado antes da aplicação do formulário. Os participantes ficaram com uma cópia do termo.

¹ Disponível em <http://sindicatodosaposentados.org.br/historia>. Acessado em 8 de novembro de 2015.

Resultados

A amostra foi composta por 200 idosos. Desse grupo, 75% se identificavam como homens e 25% mulheres, sendo uma transexual.

Em termos etários, 52,5% dos entrevistados tinham idades entre 60 e 69 anos, seguidos de 39,5% que apresentou idades entre 70 e 79 anos. Por fim, 8% estavam concentrados em idades de 80 e 89 anos.

Em termos de escolaridade, 50,5% dos entrevistados relataram ter ensino fundamental ou menos; 21% secundário incompleto; 13,5% secundário completo; 7,5% universitário completo; e 4% secundário incompleto. 2,5% eram analfabetos e apenas 1% dos participantes disse ter completado a pós-graduação.

A renda mensal, somando todos os rendimentos da casa, predominou entre um e dois salários mínimos (em 2015, entre 788 e 1576 reais), representado por 36% da amostra. O segundo maior grupo (27,2%) apareceu com renda mensal entre dois e três salários mínimos, ou de 1577 a 2364 reais. Enquanto 21% possuía uma renda entre três e seis salários (2365 a 4728 reais), 13,3% disseram ter renda acima de seis salários (mais de 4728 reais). Por fim, 1,5% dos participantes mencionaram ter renda menor do que um salário mínimo (então, 788 reais).

Em relação ao envolvimento dos idosos com atividades semanais esportivas ou familiares desde que se aposentaram, 55,5% dos entrevistados disseram que não estavam envolvidos em nenhuma atividade. Já 44,5% disseram que estavam envolvidos/engajados com atividades após a aposentadoria.

Ao serem questionados sobre a aparência e seus significados, 56,5% dos entrevistados disseram que consideravam a aparência importante; 22,5% extremamente importante; 13,5% mais ou menos importante; 5% pouco importante; enquanto 2,5% mencionaram que a aparência não é nada importante. Ou seja, em torno de 78% dava importância para a própria aparência.

Nesse sentido, a grande maioria dos participantes (90,0%) também disse gostar da própria aparência. Enquanto 5% consideraram sua aparência indiferente; 3,5% não gostavam da própria aparência; e 1,5% não souberam responder. Com relação ao significado de aparência, identificaram-se três grupos: os que tinham uma compreensão positiva (89%); indiferente (8%); e negativa (3%).

Dentre os que relataram ter uma compreensão positiva da aparência, encontraram-se as principais menções: boa, linda, felicidade, satisfação, ótima, maravilhosa, cheirosa, entre outros. Entre os que apontaram uma compreensão negativa da própria aparência, encontraram-se: acabado, feio, horrível, ruim, velho, cansaço, entre outros. Os indiferentes ou que não souberam responder quando questionados sobre os significados da aparência, apontaram: sei lá, sem definição etc.

Mesmo sendo importante e vista positivamente para a maioria, em relação a investimentos financeiros na aparência, 52% dos participantes disseram não investir na própria aparência, enquanto 48% disseram que investiam.

Na última pergunta, quando foram questionados caso tivessem recursos financeiros se fariam plástica por estética e, se sim, onde, as respostas foram: 59,8% dos participantes disseram que não fariam nenhuma plástica; enquanto 20,7% disseram que sim; seguidos de 19,2% que além de concordar, disseram em qual parte do corpo fariam plástica. Dentre esses participantes, 1,6% apontou já ter feito plástica por estética, especialmente no rosto. Apenas 0,4% não se manifestou. Dentre os locais indicados, 1,2% dos entrevistados disseram que fariam em todas as partes do corpo. Do restante, 12,8% fariam na cabeça e pescoço, como rosto, careca, pálpebras, rugas, dentes, nariz e boca. Outros 3,6% fariam no restante do corpo, como braço, abdômen e seios. No total, 39,9% fariam intervenções. Em suma, 39,9% já fizeram ou fariam plástica.

Em síntese, obteve-se uma grande maioria de homens, pessoas com idades entre 60 e 69 anos (52,2%); com ensino fundamental (50,5%); renda entre um a dois salários mínimos (36,9%); sem envolvimento em atividades semanais, esportivas ou familiares (55,5%). Quando questionados sobre a aparência e seus significados, quase 78% consideraram sua aparência importante/muito importante; e 90% gostavam da própria aparência. Com relação ao significado da aparência, 89% da amostra respondeu ter uma compreensão positiva da aparência. Por outro lado, quando questionados sobre possíveis investimentos na aparência, o correspondente a 52% dos participantes afirmou não investir na própria aparência. Sobretudo, ao serem questionados a respeito de possíveis intervenções cirúrgicas na aparência, caso tivessem recursos financeiros, a maioria dos entrevistados (59,8%) mencionou que não faria nenhuma plástica. Contudo, quase 40% da amostra disse que faria cirurgia plástica, especialmente no rosto.

Discussão

A partir dos resultados alcançados, percebeu-se que o público que mais frequentou o SINDNAPI no momento da pesquisa tinha idades entre 60 a 69 anos, ou seja, os chamados idosos jovens. Não foram encontradas pessoas com 90 anos e mais. De acordo com Campos (2012), a partir da quarta idade é possível que aumente o isolamento social, pois na maioria das vezes, muitas das pessoas que pertencem a esse grupo etário estão suscetíveis de receber cuidados de terceiros, além de se tornarem invisíveis à sociedade.

Diferentemente da recorrente e maior presença de mulheres nos espaços públicos, caracterizando a chamada feminização da velhice, no local foi encontrado uma maioria de homens. De acordo com Neri (2014), a feminização significa maior presença relativa de mulheres na população acima de 60 anos, além do aumento da expectativa de vida feminina em comparação aos homens.

Outro dado relevante é a falta de envolvimento da maioria (55,5%) dos participantes em atividades sociais desde que se aposentaram. Pode-se entender que isso aconteça justamente em função da falta de espaços disponíveis para os idosos, em especial para os homens. Através desse dado, pode-se inferir que a falta de engajamento por parte dessa população específica pode estar ligada à ausência de espaços públicos que ofereçam atividades, por questões financeiras, falta de divulgação, ou até mesmo pela falta de interesse. Vale destacar que a grande maioria dos participantes, quando questionados informalmente sobre a falta de participação, alegou que desconhecia as atividades oferecidas pelo Sindicato ou aquelas que são oferecidas próximas de sua residência.

A falta de participação dos idosos pode comprometer a qualidade de vida dessas pessoas, como mencionam Freitas, *et al.* (2012), dizendo que o isolamento social pode acarretar danos à qualidade de vida, comprometendo o bem-estar e a saúde do idoso. Tavares e Silveira (2014) ressaltam que, a partir do momento em que as pessoas se aposentam, o tempo e o ritmo da vida se alteram.

Com isso, na maioria das vezes as horas do despertar, deitar, dos cuidados corporais, das refeições, e também dos encontros familiares e com os amigos, entram em um novo ciclo de exigências e procuram se reajustar.

O estudo de Gonzales e Seid (2014) destaca a importância de criarem ações amplas e efetivas, buscando promover e incentivar o envelhecimento e a velhice saudável, para que, desta maneira, idosos consigam manter a independência e a autonomia por mais tempo. Nesse sentido, a criação de espaços que ofereçam atividades para os idosos é necessária para promover o bem-estar e fortalecer os vínculos afetivos e de amizades, como foi relatado por alguns idosos nas conversas informais:

“Vivo depressiva desde que perdi o meu filho assassinado na porta de casa. Venho para o Sindicato e vou na igreja para tentar aliviar minhas dores.”

Ainda, outro participante relatou de maneira emocionada:

“Moro sozinho. Minha esposa faleceu. Não tenho filhos e a maioria dos meus familiares já faleceram ou não moram no Brasil. Venho para o Sindicato para me distrair. Aqui tenho apenas dois amigos. Só que um deles faleceu e o outro está doente.” (lágrimas).

Outros igualmente relataram que buscavam no Sindicato uma maneira de fugir da solidão e da exclusão social:

“Minha filha, moro sozinha, nunca me casei, nem tenho filho. Recebo um salário mínimo de aposentadoria e faço milagre com esse dinheirinho. Pago aluguel, conta de água e luz. Preciso ainda me alimentar, pago uma pequena taxa para o Sindicato e não tenho nada em minha casa. Não tenho mesa, nem cadeira. Como vou receber alguém na minha casa? Claro que me sinto sozinha, venho para o Sindicato para fugir da minha solidão (risos e lágrimas).”

Em suma, diversos entrevistados relataram redes sociais frágeis ou quase inexistentes. Moravam sozinhos, não tiveram filhos e o cônjuge faleceu. Por isso, sentiam-se isolados socialmente e enxergavam no Sindicato uma alternativa para fugir da solidão e da exclusão social.

Mesmo a grande maioria, tendo diversas dificuldades e desafios, muitos ligados à sobrevivência, os dados apontaram que a aparência era importante para a maioria dos entrevistados. Essa informação corrobora os resultados encontrados no estudo de Plens, *et al.* (2012), que obtiveram a afirmação de que a aparência era importante para todas as participantes idosas da pesquisa, realizada em um núcleo de convivência para idosos em São Paulo.

Quando questionados se gostavam da própria aparência, o dado foi reforçado. A maioria dos aposentados do SINDNAPI participantes da pesquisa respondeu que sim. Percebeu-se, através dos resultados, que a aparência era uma variável significativa na vida desses idosos, pois a maioria relatou ter uma compreensão positiva da própria aparência. Algumas manifestações dos idosos participantes no ato da abordagem revelaram esse posicionamento: “*Gosto da minha aparência. Ela lembra o meu pai*”. Ou, ainda: “*Se eu não achar minha aparência importante, quem vai achá-la?*”

Silva e Caminha (2012) relatam que a percepção que uma pessoa tem de sua imagem é construída a partir de inúmeros aspectos biopsicossociais, como por exemplo: as experiências ao longo da vida, aspectos culturais, sociais, dentre outros. Além disso, os autores completam dizendo que o envelhecimento influencia de maneira significativa na construção da autoimagem corporal.

Mesmo dando importância para a própria aparência, ao serem questionados sobre possíveis investimentos financeiros neste sentido, a maioria dos idosos relatou que não investia na própria aparência. Devemos lembrar que a maioria recebia, no máximo, dois salários mínimos. No estudo de Tavares e Silveira (2014), os idosos de classes populares convivem com uma baixa renda e, na maioria das vezes, são a principal fonte financeira da família. Assim, esses idosos acabam não sendo vistos como um grupo de consumidores. Pode-se pensar que pouco tem se atendido a suas necessidades de apresentação social, como se esta talvez não fosse inclusive integrante das necessidades de sobrevivência.

No entanto, observou-se que, mesmo dando importância à própria aparência, não necessariamente isso implica em modificá-la. Através dos dados coletados, a maioria dos participantes mencionou que não faria cirurgia por estética, mesmo se tivessem recursos financeiros.

Esse dado colabora e questiona o debate presente na literatura em torno dos inúmeros procedimentos de rejuvenescimento dos corpos velhos. Conforme Silva, *et al.* (2012), as cirurgias plásticas ou a promoção de produtos variados, tornam-se mecanismos para reforçar a tentativa de esconder ou fugir das marcas do envelhecimento, como algo que deva ser negado.

Argimon, *et al.* (2011) destacam que, a partir do momento em que a velhice está associada à dependência e decadência, é comum que as pessoas quando chegam nesse período comecem a esconder sua identidade, ou seja, passam a negar as características do envelhecimento. Observou-se, ainda, que apesar de a grande maioria dos entrevistados afirmar que não fariam cirurgia caso tivessem recursos financeiros, quase 40% faria ou fez, a maioria no rosto. Um pequeno grupo de mulheres (1,6%) afirmaram, inclusive, que fariam cirurgia nos seios. Trata-se de partes importantes para a identidade do corpo feminino.

De acordo com Goldenberg (2011), o Brasil é o segundo país no mundo que faz uso de *botox* e próteses de silicone, perdendo apenas para os Estados Unidos. Castro, Antunes, Brito e Camargo (2016, p. 319) apontam que a pressão social voltada para as mulheres organiza sistemas representacionais que “justificam a adoção de práticas de rejuvenescimento”.

Para Audino e Schmitz (2012), o envelhecimento tem proporcionado inúmeras preocupações com a aparência, especialmente por parte das mulheres após a menopausa. Algumas mulheres não estão contentes com as transformações que acontecem em seus corpos ao longo da vida, sentindo, na maioria das vezes, insatisfação com o próprio corpo.

Por sua vez, a autoestima pode acabar sendo comprometida. Marcelja (2012) destaca que marcas expressivas da pós-modernidade são alternadas entre a redução da vida útil e a revisão permanente de princípios e conhecimentos, sendo que algumas pessoas buscam refletir sobre suas próprias vidas com vistas a trazer sentido a elas, principalmente ao próprio corpo.

Em síntese, os dados apontaram que a importância da aparência dos participantes na velhice não parecia estar relacionada com renda, escolaridade e nível de participação social. Em outras palavras, a aparência era importante para boa parte dos entrevistados, mesmo que de diferentes perfis socioeconômicos.

A variável aparência permitiu também perceber a diversidade de opiniões e atitudes quanto ao próprio envelhecimento e composição da apresentação pessoal. Finalmente, a compreensão da relevância e significado relativo a esse aspecto da vida dos envolvidos na pesquisa pode colaborar na promoção do bem-estar e da qualidade de vida dessas pessoas em termos de gestão gerontológica.

Conclusões

Apesar da pouca literatura sobre o tema Aparência e Envelhecimento disponível, esta apareceu como uma variável importante na vida dos idosos participantes. Renda, escolaridade e participação social pareceram não influenciar nos significados de aparência.

Considera-se importante a realização de novos estudos, cuja temática Aparência e significados na velhice seja promovida e incentivada, para que esse segmento social possa ser ouvido, valorizado e atendido em suas demandas, perfis, desejos e possibilidades de apresentar-se socialmente. Promover o atendimento de necessidades de apresentação pessoal pode proporcionar o engajamento, a autoestima, autonomia, independência e, no limite, fomentar uma estética da velhice mais ampla e diversificada na atualidade.

Referências

- Aguiar, A., Camargo, B.V., & Bousfield, A. B. S. (2018). Envelhecimento e prática de rejuvenescimento: Estudo de representações sociais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(3), 494-506. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v38n3/1982-3703-pcp-38-3-0494.pdf>.
- Almeida, T., & Lourenço, M. L. (2009). Reflexões: conceitos, estereótipos e mitos acerca da velhice. *RBCEH*, 6(2), 233-244. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: DOI: <https://doi.org/10.5335/rbceh.2012.171>.
- Araujo, D. C. (2019). A revolução grisalha: mulheres (re)semantizando signos do envelhecimento. *Revista Dobras*, 12(25), 130-143. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/857>.

- Arginon, I. I. L., Pizzinato, A., Ecker, D. D., Lindern, D., & Torres, S. (2011). Velhice e Identidade: Significações de Mulheres Idosas. *Revista Kairós-Gerontologia*, 14(4), 79-99. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/10052/7481>.
- Audino, M. C. F., & Schmitz, A. (2012). Cirurgia plástica e envelhecimento. *RBCEH*, 9(1), 21-26. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/2789-Texto%20do%20artigo-12101-1-10-20131009.pdf>.
- Belchior, C. G., & Santana, C. S. (2013). A velhice nas telas do cinema: um olhar sobre a mudança dos papéis ocupacionais dos idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 16(1), 93-116. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/20343/15100>.
- Campos, P. C. (2012). Ecologia Humana. O papel da Comunicação na qualidade de vida da pessoa idosa: Considerações sobre o Corpo e Mente na Terceira Idade. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(3), 193-208. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/13115/9643>.
- Castro, A., Antunes, L., Brito, A. M. M., & Camargo, B. V. (2016). Representações sociais do envelhecimento e do rejuvenescimento para mulheres que adotam práticas de rejuvenescimento. *Revista Psico*, 47(4), 319-330. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/22495-107099-1-PB.pdf>.
- Costa, D. G. S., & Soares, N. (2016). Envelhecimento e Velhices: heterogeneidade no tempo do capital. *Serviço Social e Realidade*, 25(2), 57-68. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/SSR/article/view/2519>.
- Dantas, J. B. (2011). Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 11(3), 898-912. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812011000300010.
- Felix, L. B., & Santos, M. F. S. (2011). A velhice na mídia escrita: um estudo em representações sociais. *RBCEH*, 8(3), 363-374. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/1541-Texto%20do%20artigo-10921-1-10-20130326.pdf>.
- Ferreira, M. G., Bianchi, M., Menegócio, A. M., & Zago, G. M. (2014). Desconstruindo a imagem do idoso nos meios midiáticos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 17(4), 211-223. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/23868/17127>.
- Fin, T. C., Portella, M. R., Scortegagna, S. A., & Frighetto, J. (2015). Estética e expectativas sociais: o posicionamento da mulher idosa sobre os recursos estéticos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 18(4), 133-149. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/27683/19510>.
- Fin, T. C., Portella, M. R., & Scortegagna, S. A. (2017). Velhice e beleza corporal das idosas: conversa entre mulheres. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(1), 77-87. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562017020.150096>.

Freitas, A. M. S. M., Moura, P. V., Silva, E. A. P. C., Cartaxo, H. G. O., Silva, P. P. C., Caminha, I. O., & Smethurst, W. S. (2012). Identidade do Idoso: Representações no Discurso do corpo que envelhece. *Revista Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, 17(1), 19-35. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/20778>.

Freitas, M. C., Queiroz, T. A., & Sousa, J. A. V. (2010). O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. *Revista Brasileira de Enfermagem da USP*, 44(2), 407-412. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342010000200024>.

Frois, E., Moreira, J., & Stengel, M. (2011). Mídias e a imagem corporal na adolescência: o corpo em discussão. *Psicologia em Estudo*, 16(1), 71-77. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n1/a09v16n1.pdf>.

Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. (13ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Editora LTC.

Goldenberg, M. (2011). Afinal, o que quer a mulher brasileira? *Psicologia Clínica*, 23(1) 47-64. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-56652011000100004&lng=pt&nrm=iso.

Gonzalez, L. M. B., & Seidl, E. M. F. (2014). Envelhecimento ativo e apoio social entre homens participantes de um Centro de Convivência para Idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 17(4), 119-139. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/23650/16953>.

Guerra, A. C. L. C., & Caldas, C. P. (2010). Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. *Revista Ciência e Saúde*, 15(6), 2931-2940. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000600031>.

Leventon, M. (2009). *História do Vestuário*. São Paulo, SP: Publifolha.

Lopes, A. (2000). *Os desafios da Gerontologia no Brasil*. Campinas, SP: Átomo e Alínea.

Lopes, A. F., & Mendonça, E. S. (2016). Ser jovem, ser belo: a juventude sob holofotes na sociedade contemporânea. *Revista Subjetividades*, 16(2), 21-33. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.16.2.20-33>.

Marcelja, K. G. (2012). *A beleza como passaporte intergeracional*. Tese de mestrado em Gerontologia Social. Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, PUC- SP.

Neri, A. L. (2014). *Palavras-chave em Gerontologia*. (4ª ed.). Campinas, SP: Alínea.

Plens, J., Accioly, M., Batistoni, S., & Lopes, A. (2012). Envelhecimento, engajamento e aparência: percepções de idosas participantes de um núcleo de convivência de idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º Especial 13, Temático “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”), 269-289. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/17307/30497>.

Silva, N. P., Cachioni, M., & Lopes, A. (2012). Velhice, imagem e aparência: a experiência de idosos da UNATI EACH/USP. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º Especial 14, Temático “Universidade Aberta à Terceira Idade e Velhice), 235-257. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/15251/11377>.

Silva, G. M., & Caminha, I. O. (2012). Avaliação da imagem corporal de idosos brasileiros: uma revisão sistemática. *Revista Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, 17(2), 233-249. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/24287>.

Tavares, O., & Silveira, V. (2014). Experiências de envelhecimento no ambiente de praia. *Revista Kairós-Gerontologia*, 17(3), 271-284. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/22302/16255>.

Yokomizo, P., & Lopes, A. (2018). As mídias como agentes de educação informal no envelhecimento: pistas para investigação. *Revista Mídia e Cotidiano*, 12(3), 293-311. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/13342>.

Aparecida Costa da Silva – Graduação em Gerontologia e colaboradora do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), ambos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

E-mail: cida.danca@gmail.com

Patrícia Yokomizo – Graduação em Têxtil e Moda. Mestre em Gerontologia, fundadora e membro do grupo EAPS, todos da EACH/USP, Brasil.

E-mail: pati@usp.br

Andrea Lopes – Antropóloga, docente da Pós-Graduação em Gerontologia e das Graduações em Gerontologia e Têxtil e Moda. Fundadora e coordenadora do grupo EAPS. Todos da EACH/USP, Brasil. Orientadora da pesquisa.

E-mail: andrealopes@usp.br